

## **Introdução**

Segundo Sluzki (1996), o termo “rede social pessoal” ou “rede social significativa” é um conceito que designa “todas as relações que um dado sujeito entende como significativas para si, que se diferenciam da massa anónima da sociedade” (Sluzki, 1996, p.17), correspondendo ao núcleo das relações interpessoais relevantes de um indivíduo, que desempenha um papel importante na individualidade, bem-estar, competências e capacidade de adaptação a crises.

Embora os estudos que englobem a avaliação das redes sociais pessoais (segundo a conceptualização de Sluzki, 1996) apresentem algumas diferenças na definição das variáveis e/ou formato de avaliação (e.g., Vicente, 2010; Cepa, 2011; Caetano e Guadalupe, 2009) as premissas basilares e algumas variáveis incorporadas permanecem relativamente constantes/estáveis, o que, em última análise, permitiria a realização de estudos comparativos. Neste contexto, Guadalupe (2008), com base nas propostas conceptuais de Sluzki (1996), utiliza uma subdivisão das variáveis em três categorias ou dimensões: i) estrutural, ii) funcional e iii) contextual. A primeira é referente a características como a composição, tamanho, densidade (avaliada através do número de vínculos pertencentes à rede, que se conhecem mutuamente) e homogeneidade ou heterogeneidade dos indivíduos da rede. A dimensão funcional concerne as funções que os vínculos desempenham para o sujeito, traduzindo-se na provisão de apoios de diferentes naturezas (por exemplo, material ou emocional), e também à reciprocidade do apoio por parte do sujeito focal. Por último, a dimensão contextual diz respeito a algumas propriedades da relação, como a intensidade da vinculação, a dispersão geográfica e a frequência de contactos com os membros da rede.

A construção da rede social pessoal de um indivíduo inicia-se no momento de diferenciação entre *self* e o outro, no contexto da díade constituída com a progenitora (Sluzki, 1996). Nos seus primórdios é constituída apenas pelos pais ou cuidadores e, caso existam, irmãos (Sluzki, 1996; Carter e McGoldrick, 2005).

Ao longo de todo o ciclo vital, esta rede vai sofrendo alterações, não apenas em tamanho, mas também na composição e qualidade dos apoios que fornece (Chadi, 2007; Vicente, 2010; Sluzki, 1996; Meléndez-Moral, Tomás-Miguel e Navarro-Pardo, 2007). Neste sentido, é possível desenhar um quadro desenvolvimental baseado nas transformações de que a rede é alvo com base na literatura e em estudos previamente realizados, assim como na revisão das etapas do ciclo vital da família, definidas por autores como Relvas (1996)

e Carter e McGoldrick (2005). Note-se que estas propostas desenvolvimentais do sistema familiar, ao delinearem o percurso da família e definindo fases que têm como base a formação do casal, nascimento e crescimento dos filhos, facultam informação relevante para o conhecimento das relações interpessoais dos seus membros individuais. O enquadramento desenvolvimental da rede social pessoal que será seguidamente traçado toma estes dois referenciais teóricos e empíricos como base: por um lado, a investigação realizada sobre redes sociais pessoais; por outro, as propostas desenvolvimentais para a evolução do sistema familiar.

Na obra *“La red social: Frontera de la practica sistematica”*, Sluzki (1996) desenha um mapa evolutivo para explicitar as alterações que as redes sofrem em relação ao seu tamanho, definindo marcos desenvolvimentais que poderão levar a uma expansão ou contracção da rede ao longo da vida. O primeiro momento referenciado traduz a expansão relacional que ocorre na infância, com a entrada para o jardim-de-infância, onde surgem os primeiros colegas e educadoras/auxiliares. Este período é assim pontuado pelo aumento da importância de um quadrante relacional distinto da família (amigos, colegas de escola, grupo de pares) o qual parece aumentar em importância com a entrada noutros contextos escolares (ensino básico, secundário e superior) (Sluzki, 1996).

Na sua teoria do desenvolvimento psicossocial, Erikson (1977) sugere que na infância, e mais especificamente na fase que descreve como *“Indústria vs. Inferioridade”*, a educação assume um papel importante, possibilitando à criança canalizar a sua energia psíquica para o mundo que a rodeia, não apenas para as tarefas escolares, mas também para as relações com os colegas. Apesar disso, o papel do quadrante familiar parece manter a sua importância, sendo que este ainda tem a função de contribuir para o desenvolvimento da autonomia, socialização e sentimento de pertença da criança, de modo a que esta possa ter sucesso escolar e possa realizar um ensaio preliminar da separação e individuação (Relvas, 1996).

A adolescência pode ser considerada um período de transição entre a infância e a maturidade/adulter (Erikson, 1982). O seu início é marcado por várias transformações biopsicossociais com vista à maturação do indivíduo (Tiba, 1986), transformações essas que deverão interagir com diversas variáveis familiares e sociais com vista à resolução das tarefas próprias desta fase desenvolvimental (Pineda e Rodríguez, 2010). Estas são, por exemplo, alcançar uma maior autonomia em relação à família de origem, elaborar um projecto concernente ao futuro profissional, formar uma identidade sexual, iniciar a

exploração de relações íntimas e de afecto, explorar e construir a identidade (Strough, Berg e Sansone, 1996).

No que respeita às relações com o quadrante familiar e deste sistema com o meio social circundante, a adolescência parece constituir uma fase onde os limites familiares necessitam de maior flexibilidade de modo a permitir/facilitar a crescente independência do adolescente (Carter e McGoldrick, 2005). Ao explorar o meio escolar com esta independência recentemente adquirida, o adolescente tenderá a formar amizades mais significativas e profundas com os seus pares, dando origem a novas relações em diferentes grupos sociais, fora do seio familiar (Meléndez-Moral et al., 2007). Pode assim hipotetizar-se que a adolescência implica mais um momento de expansão da rede (Sluzki, 1996), apesar da manutenção da importância da família na rede social (Dolan, Canavan e Brady, 2008).

O crescimento e autonomização característicos da adolescência acabam por desembocar na idade adulta, uma etapa complexa que implica mudanças na estrutura e funcionalidade da rede, considerando a necessária adopção de novos papéis sociais, familiares e profissionais. Poderá surgir nesta fase o noivado e conseqüente matrimónio. No estágio de “formação do casal” (Relvas, 1996) parece ocorrer um duplo processo de contracção da rede prévia dos cônjuges e expansão da rede combinada (Sluzki, 1996). A conjugalidade, assim como a existência de filhos, implicam uma redefinição das redes, que poderá restringir a formação de novos vínculos, limitando o universo relacional do casal a relações familiares e de vizinhança (Moore, 1990). Apesar deste dado, o casamento e a existência de crianças no seio familiar parecem apresentar-se como factores protectores em relação à saúde mental (Ødegard, 1946) e mesmo à mortalidade, como é apontado no estudo de Berkman e Syme (1979). Ao abordarem esta fase do ciclo vital, Meléndez-Moral e colaboradores (2007) colocam a tónica no desenvolvimento de vínculos provenientes do sector profissional, afirmando que o convívio quotidiano com os colegas de trabalho poderá emergir como uma fonte significativa de apoio.

Com a consolidação do subsistema conjugal, o próximo passo do percurso desenvolvimental familiar é o nascimento do primeiro filho. Uma vez mais, a etapa do ciclo vital “família com crianças pequenas” (Relvas, 1996; Carter e McGoldrick, 2005) parece ter implicações nas relações interpessoais dos membros da família. O processo de criar uma criança, e as exigências que lhe são inerentes, parece conduzir a uma necessidade de realinhar a rede social para poder usufruir de apoio em relação aos cuidados da criança (Carter e McGoldrick, 2005), resultando numa abertura do sistema

em relação às famílias de origem, que agora terão que integrar o novo papel de avós (Relvas, 1996). Pode assim hipotetizar-se que este momento remete para um renovamento da importância do quadrante das relações familiares na rede social pessoal (desta feita, com enfoque nas relações com a família alargada), com implicações significativas, não apenas no casal, mas também noutras gerações da família (e.g. os avós passam a incluir os netos nas suas redes), tendo como pano de fundo a necessidade de prestação de cuidados à geração mais jovem.

A passagem da idade adulta para a idosa é frequentemente situada paralelamente ao momento da reforma, o qual pode desafiar também as redes sociais pessoais com uma possível quebra no convívio quotidiano com os colegas de trabalho (Fonseca, 2005). A título de exemplo, refira-se o estudo de Lucas (2016), onde se verificou uma diferença estatisticamente significativa na proporção de vínculos profissionais na rede social pessoal entre trabalhadores e reformados há mais de 25 meses. Estes dados indicam que nos dois primeiros anos de reforma os indivíduos ainda mantêm relações com os colegas de trabalho. Ou seja, apesar de identificar uma quebra relacional com os colegas de trabalho após a reforma, esta não ocorre de forma abrupta, apontando para um desligamento progressivo destes laços após o fim da carreira profissional.

A faixa etária idosa é marcada pela senescência (Schroots e Birren; 1980), ou seja, pela maior probabilidade de mortalidade e crescente vulnerabilidade. Esta pode constituir-se como um factor com impacto negativo sobre as relações interpessoais por diversas razões. Por exemplo, o envelhecimento do indivíduo acarreta inevitavelmente o envelhecimento dos vínculos da sua rede e, eventualmente, a perda de pessoas significativas da mesma geração (Blazer, 2003; Fontaine, 2000).

Sluzki (1996) aprofunda este ponto, identificando um fenómeno de contracção da rede social pessoal nas idades avançadas, sendo este sustentado pela morte de vínculos significativos, diminuição de oportunidades para renovar a rede e menor energia disponível para manter e criar contactos.

Meléendez-Moral e colaboradores (2007) identificam um movimento de “acomodação” por parte dos idosos, que explica, numa perspectiva alternativa (baseada não tanto na inevitabilidade latente da proposta de Sluzki, mas antes numa escolha deliberada), a constrição progressiva da rede. Estes autores afirmam que os mais velhos tentam conservar as coisas boas, disponíveis e possíveis do presente, estabelecendo objectivos e metas mais concretizáveis e realistas. Possuiriam também menor desejo de novos vínculos, dedicando-se ao seio familiar. Vários estudos (Lucas, 2016; Vicente, 2010;

Nunes, 2008; Guadalupe, 2008) apresentam resultados que sustentam esta hipótese, revelando uma predominância do quadrante das relações familiares nas idades mais avançadas (embora não permitam aferir se este maior enfoque na família decorre de uma deliberação consciente ou de uma inevitabilidade que o idoso não consegue contornar). Num estudo sobre famílias multigeracionais, em que foram avaliadas as redes sociais pessoais de pessoas pertencentes a quatro gerações distintas, com uma amplitude etária considerável (entre os 5 e os 94 anos), a abarcar, portanto, praticamente todo o ciclo vital, Vicente (2010) verificou uma evolução da rede semelhante à referida por Sluzki (1996). Neste estudo foram identificadas diferenças significativas relativamente ao tamanho da rede e outras características estruturais (como a heterogeneidade, densidade e composição), entre as gerações intermédias e as limítrofes, apresentando as últimas, redes com menor número de vínculos e heterogeneidade e maior densidade. Nesse sentido, o autor do estudo conclui que...

“Tal como a hipótese da teoria da grande explosão e da grande contracção, explicativa do nascimento e morte do universo que habitamos, também o universo relacional de um indivíduo parece emergir de um núcleo denso, na forma de um triângulo constituído por mãe, pai e filho, expandindo-se em alcance e diversidade ao longo dos anos, ao que se segue, no final da vida, um retorno à situação primordial da relação entre duas gerações contíguas” (Vicente, 2010, p.78)

Esta proposta, assente numa analogia entre o desenvolvimento do microcosmo relacional individual e o desenvolvimento do macrocosmo (universo), estabelece que, nos seus primórdios, a rede social apresenta características de elevada densidade e homogeneidade (decorrentes do foco em torno da relação pais-filhos), diversificando-se e sofrendo múltiplas transformações com o desenvolvimento psicossocial e a entrada e saída de membros, culminando, no fim da vida, por reverter à homogeneidade inicial (as redes dos mais idosos também se centravam em torno da relação pais-filhos). Este estudo constituiu-se como um dos poucos a versar as redes sociais pessoais que incluíam pessoas em espectros etários tão distintos, permitindo ao autor tecer considerações evolutivas. Contudo, não apresentava como objectivo explícito abarcar todo o ciclo vital, mas antes várias gerações dentro família, o que resultou na ausência de algumas faixas etárias. Desta forma, subsiste o interesse em estudar as redes sociais pessoais do ponto de vista desenvolvimental, de forma a facultar suporte empírico às propostas teóricas

anteriormente expostas e facultar dados que permitam novas conceptualizações do desenvolvimento do universo relacional do ser humano.

## **Objectivos**

Considerando que os estudos realizados sobre redes sociais pessoais tendem a incidir sobre faixas etárias específicas (por exemplo, idosos ou estudantes do ensino superior), o principal objectivo deste estudo consiste em analisar o desenvolvimento e evolução da rede social pessoal ao longo de todo o ciclo vital individual, através da conjugação de diversos estudos que utilizam medidas similares para a avaliação da rede.

Como objectivos específicos foram definidos: 1) selecção, recolha e análise de estudos que versem sobre redes sociais pessoais e utilizem instrumentos de avaliação equivalentes ou similares; 2) criação de uma base de dados que agregue e compatibilize os dados provenientes de estudos distintos; 3) caracterização das redes sociais pessoais da amostra global; 4) análise das diferenças ao nível das características estruturais, funcionais e contextuais, consoante a faixa etária de pertença.

## **Materiais e métodos**

### **Procedimentos**

Para atingir os objectivos acima referenciados, o primeiro passo consistiu em contactar os docentes/investigadores do ISMT que realizam ou realizaram investigações e estudos sobre redes sociais pessoais, tendo por base as propostas conceptuais de Sluzki (1996) e os instrumentos de avaliação delas derivados. Foi solicitada permissão aos autores para a utilização das bases de dados associadas a esses estudos, tendo sido recolhidas dez bases de dados. Os projectos de investigação e estudos a que estas bases se reportam serão detalhados no ponto seguinte.

Inicialmente foi feita uma análise das características destas (sub)amostras e das variáveis sociodemográficas e de rede contidas nas bases de dados, focando particularmente a forma como eram mensuradas. O passo seguinte consistiu em construir uma base de dados agregadora, que integrasse todos os indivíduos e o maior número de variáveis possível. Findo esse trabalho, foi possível incluir na nova base de dados o seguinte conjunto de variáveis: i) variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, escolaridade, condição perante o trabalho); ii) variáveis estruturais da rede social pessoal (tamanho, número de quadrantes, proporção do quadrante familiar, proporção de relações familiares,

proporção de relações de amizade, proporção de relações de vizinhança, proporção de relações de colegas, proporção de relações institucionais, densidade); iii) variáveis funcionais da rede social pessoal (apoio emocional, apoio material, apoio informativo, reciprocidade do apoio); iv) variáveis contextuais (frequência de contactos, dispersão geográfica).

Verificou-se a necessidade de compatibilizar algumas variáveis que, apesar de transversais a todos os estudos, encontravam-se mensuradas em escalas de *Likert* diferentes. A título de exemplo, refira-se que as variáveis relativas aos apoios recebidos dos elementos da rede são mensuradas em escalas de 5 pontos (de 1 a 5) ou de 3 pontos (de 1 a 3). A reciprocidade encontra-se mensurada em escalas de cinco, quatro e três pontos. Todas estas escalas foram convertidas em escalas de 3 pontos utilizando as seguintes fórmulas: i)  $(X+1)/2$  para as escalas de 5 pontos;  $(X+0,5)/1,5$  para as escalas de 4 pontos. Por último, importa referir que a densidade encontra-se codificada em duas escalas de mensuração distintas (de 0 a 1 e de 0 a 100), tendo-se no presente estudo optado pela escala de 0 a 100.

### **Estudos incluídos**

No presente ponto são sumarizadas as investigações e respectivas amostras que integraram o presente estudo:

- “A saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico” (Guadalupe, 2008): estudo que teve como objectivo descrever e analisar as relações entre saúde mental e apoio social; apresentou uma amostra de 167 familiares de doentes oncológicos adultos, seguidos no Instituto Português de Oncologia (IPO), com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos, sendo que 70 pertenciam ao sexo masculino e 97 ao feminino.
- “Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspectiva sistémica” (Vicente, 2010): investigação que pretendeu explorar as características de famílias multigeracionais portuguesas (ou sejam, famílias com membros vivos em quatro gerações distintas), descrevendo a sua estrutura, funções e padrões relacionais. Para tal foram entrevistados elementos de 23 famílias multigeracionais (um por geração; quatro em cada família), tendo sido obtida uma amostra de 92 indivíduos, 24 do sexo masculino e 68 do feminino, com idades compreendidas entre os 5 e os 94 anos.

- “Redes de suporte social e (in)acesso a direitos em famílias monoparentais femininas” (Guadalupe, Tavares e Monteiro, 2015): estudo que teve como objectivo traçar o perfil de famílias monoparentais femininas em situação de vulnerabilidade social; para cumprir este objectivo, foram caracterizadas as redes sociais de suporte de 29 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 61 anos.
- “Famílias multiassistidas, retratos de famílias desafiadas” (Carvalho, 2009): este estudo teve como objectivo caracterizar diferentes aspectos de famílias multi-problemáticas (ou multiassistidas), entre eles as redes sociais pessoais dos sujeitos participantes. A amostra compreendeu 30 indivíduos, sendo 4 do sexo masculino e 26 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 22 e os 63 anos.
- “As relações de vizinhança nas redes de suporte social num bairro social” (Caetano e Guadalupe, 2009): estudo que apresentou como principal objectivo caracterizar as redes sociais pessoais de indivíduos que habitam em bairros sociais, dando especial enfoque às relações de vizinhança. A amostra era compreendida por 80 indivíduos, sendo 50 do sexo feminino e 30 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 83 anos.
- “Estudo sobre comportamentos de segurança na ansiedade social, auto-conceito, saúde mental e tamanho da rede pessoal social em estudantes” (Ferreira, 2012) e “Um olhar sobre as relações sociais virtuais” (Silva, 2011): tratam-se de dois estudos que, apesar de focarem problemáticas distintas, possuem a mesma amostra e base de dados. Ambos caracterizam as redes sociais pessoais de 114 estudantes universitários, sendo que 21 são do sexo masculino e 93 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 52 anos.
- “Rede social pessoal de jovens acolhidos em lares de infância e juventude” (Dias, Sequeira e Guadalupe, 2016): estudo que pretendia caracterizar as redes sociais pessoais de jovens em regime de acolhimento prolongado, comparando os resultados segundo o sexo. A amostra era constituída por 84 jovens, 49 raparigas e 35 rapazes, com idades entre os 12 e os 20 anos.
- “Rede social pessoal de cuidadores informais de adultos com necessidades especiais” (Costa, 2015): estudo realizado com o objectivo de caracterizar as redes sociais pessoais de cuidadores de adultos com necessidades especiais, que incluiu 40 cuidadores, 9 do sexo masculino e 31 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 40 e os 86 anos.

- “Rede social pessoal, bem-estar e necessidades do idoso em contexto de centro de dia” (Nunes, 2008): tratou-se de um estudo descritivo que teve como objectivo caracterizar o bem-estar, as necessidades e as redes sociais pessoais de idosos inseridos em Centro de Dia. A amostra compreendia 16 indivíduos, 4 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 57 e os 93 anos.
- “Redes sociais pessoais de idosos portugueses” (Guadalupe, Vicente, Daniel e Amaral, 2011): projecto de investigação coordenado por docentes do Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) e englobado no Grupo de Investigação “Bem-estar, saúde e envelhecimento” do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), que tinha por objectivo a descrição e tipificação (criação de tipologias) das redes sociais pessoais dos idosos portugueses, analisando intercessões com variáveis demográficas, familiares, relacionais, socioprofissionais, psicológicas, de saúde e participação social. Após o seu início em 2011, o projecto acolheu diversos alunos que se encontravam a desenvolver as suas Dissertações no âmbito dos Cursos de Mestrado em Psicologia Clínica e Serviço Social do Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), contando, na altura da realização do presente estudo, com uma amostra total de 612 indivíduos, com idades compreendidas entre os 65 e os 98 anos, sendo 226 do sexo masculino e 386 do sexo feminino.

### **Amostra**

Após a conjugação de todas as amostras de todos os estudos e projectos de investigação supracitados, foi possível obter uma amostra final composta por 1266 indivíduos, 438 do sexo masculino (35%) e 828 do sexo feminino (65%), com idades compreendidas entre os 5 e os 98 anos ( $M=57,14$ ;  $DP=23,97$ ).

Quanto ao estado civil, a amostra integra 320 (25,3%) indivíduos solteiros, 585 (46,2%) casados/em união de facto, 82 (6,5%) divorciados/separados e 279 viúvos (22,0%). No que toca à escolaridade, 217 (17,1%) dos sujeitos não têm qualquer escolaridade, 516 (40,8%) têm o 1º ciclo, 140 (11,7%) o 2º ciclo, 93 (7,3%) o 3º ciclo, 187 (14,8%) completaram o ensino secundário e 105 (8,3%) o ensino superior. Em relação à condição perante o trabalho, verificamos que 246 (19,4%) indivíduos encontram-se empregados, 69 (5,5%) desempregados, 652 (51,5%) reformados, 61 (4,8%) domésticos, 202 (16,0%) estudantes e, por fim, 36 (2,8%) trabalhadores estudantes.

Como o objectivo do presente estudo passa por analisar a evolução e transformação nas redes sociais pessoais ao longo do ciclo vital, importa detalhar e explanar as bases conceptuais que estiveram na base da categorização etária efectuada e que sustentará as comparações das variáveis de rede. Até aos 64 anos de idade recorreu-se às propostas de Newman e Newman (2015) na obra *“Development through life: A psychosocial approach”* e *“A Conception of Adult Development”* de Levinson (1986), ambas baseadas na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1977): i) “infância” (dos 5 aos 12 anos); ii) “adolescência” (dos 13 aos 18 anos); iii) “transição para a idade adulta” (dos 19 aos 25 anos); iv) “jovem adultícia” (dos 26 aos 35 anos); v) “adultícia” (dos 36 aos 64 anos). No presente estudo, utilizou-se a idade cronológica de 65 anos de idade para marcar a entrada na etapa do ciclo vital “idoso”, comumente utilizada nos países desenvolvidos. Contudo, para obter um retrato mais apurado, optou-se por subdividir esta etapa do ciclo vital em três subetapas, à semelhança de outros estudos (e.g. Field e Minkler, 1988): vi) “idoso-jovem” (dos 65 aos 74 anos); vii) “idoso” (dos 75 aos 85 anos); viii) “idoso-idoso” (mais de 85 anos). A distribuição dos participantes pelas diferentes faixas etárias (equiparadas a etapas do ciclo vital) e outras características sociodemográficas pode ser consultada na Tabela 1.

**Tabela 1.***Caracterização sociodemográfica da amostra (n=1266)*

		N	%			N	%
<b>Sexo</b>	Masculino	438	34,6	<b>Escolaridade</b>	Nenhuma	217	17,1
	Feminino	828	64,5		escolaridade		
<b>Idade</b>	Infância (5 - 12 anos)	28	2,2	1º Ciclo	516	40,8	
	Adolescência (13 - 18 anos)	87	6,9	2º Ciclo	148	11,7	
	Transição para a idade adulta (19 - 25 anos)	107	8,5	3º Ciclo	93	7,3	
	Jovem adultícia (26 - 35 anos)	87	6,9	Ensino Secundário	187	14,8	
	Adultícia (36 - 64 anos)	254	20,1	Ensino Superior	105	8,3	
	Idoso-jovem (65 - 74 anos)	339	26,8	<b>Condição perante trabalho</b>	Empregado	246	19,4
	Idoso (75 - 85 anos)	276	21,8		Desempregado	69	5,5
	Idoso-idoso (mais de 85 anos)	88	7,0		Reformado	652	51,5
			Doméstico		61	4,8	
<b>Estado civil</b>	Solteiro	320	25,3	Estudante	202	16	
	Casado / União de Facto	585	46,2	Trabalhador	36	2,8	
	Divorciado / Separado	82	6,5	Estudante			
	Viúvo	279	22				

## **Instrumentos**

Um dos pontos comuns aos estudos integrantes nesta investigação (e que permitiu a junção dos dados numa única base) prende-se com a utilização do mesmo instrumento de recolha de informação sobre a rede social dos indivíduos: o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP).

Este instrumento foi concebido por Madalena Alarcão, Sónia Guadalupe e Dina Simões, com o intuito de caracterizar as redes sociais pessoais da população portuguesa em contexto de investigação. Avalia as características funcionais e estruturais das redes e os atributos dos vínculos segundo a proposta conceptual de Sluzki (Guadalupe, 2016).

A aplicação pode ser feita em modo de entrevista ou como questionário de auto-resposta, partindo sempre de uma “Questão Sonda”, geradora da rede. Segundo Sluzki (1996), esta questão define os limites da rede, pelo que sugere que o avaliador questione pelas pessoas mais importantes na vida do inquirido. De uma forma geral, e considerando que entre os estudos pode haver pequenos cambiantes na forma como esta questão é formulada, o IARSP inclui a seguinte “Questão Sonda”: “Indique o nome das pessoas ou instituições/técnicos com quem esteve em contacto nos últimos 6 meses, que sejam significativas na sua vida (podendo a sua relação com essa pessoa assumir uma carga positiva ou negativa)” (Guadalupe, 2016, p. 103).

O IARSP é um instrumento multidimensional que permite a avaliação de diversas variáveis da rede dos indivíduos. É relevante referir que este instrumento tem sofrido algumas alterações ao longo do tempo, conforme a população a que se destina. Após a primeira versão do IARSP, foram criados o IARSP-II (redefinido), IARSP-R (versão revista) e IARSP-RS (revista sumária) (Guadalupe, 2016). Esta capacidade de adaptação, apesar de útil, constituiu-se como um desafio para a compatibilização das bases de dados das várias amostras, justificando o facto de não estarem presentes nesta investigação todas as variáveis que este instrumento tem o potencial avaliar. Por exemplo, consoante os estudos algumas questões podiam ser suprimidas, considerando os objectivos e a tentativa do investigador em limitar ao mínimo indispensável a duração da aplicação; por outro lado, considerando as características da amostra, o investigador poderia optar por escalas de *Likert* com menos opções de resposta para facilitar a compreensão por parte dos sujeitos respondentes. No presente estudo foi possível recolher, das bases de dados acima elencadas, o seguinte conjunto de variáveis, agrupadas em três dimensões (para cada uma das variáveis são apresentados: i) definição; ii) questão mais frequente utilizada para a sua avaliação; iii) formato de mensuração):

1) Características estruturais:

- a. Tamanho: i) número total de indivíduos presentes na rede; ii) “Indique o nome das pessoas com quem esteve em contacto nos últimos 6 meses que sejam significativos na sua vida”; iii) soma do número de vínculos mencionados pelo sujeito focal.
- b. Composição: i) tipo de vínculo que os membros da rede têm com o inquirido (familiar, amigo, vizinho, colega de trabalho/estudo, técnico); ii) “Identifique o quadrante a que pertence cada pessoa identificada (família, amigos, vizinhos, colegas de escola/trabalho, técnicos/instituições)”; iii) medida em forma de percentagem, apresentando a proporção de elementos existentes em cada um dos quadrantes relacionais.
- c. Número de quadrantes relacionais na rede (heterogeneidade relacional): i) número de quadrantes relacionais que possuam pelo menos um elemento na rede; ii) “Identifique o quadrante a que pertence cada pessoa (família, amigos, vizinhos, colegas de escola ou trabalho, técnicos ou instituições)”; iii) varia de 1 a 5 quadrantes.
- d. Densidade: i) conexão entre os membros da rede que se conhecem mutuamente; ii) “Quem conhece quem na rede”; iii) mensurado em forma de percentagem (0-100%).

2) Características funcionais

- a. Apoio recebido dividido em três tipos de apoio (emocional, material e informativo): i) nível de apoio prestado pelos membros da rede ao sujeito focal; ii) “Indique o nível de apoio ou ajuda percebida, em cada uma das seguintes áreas”; iii) mensurado através de uma escala de *Likert* de 3 valores (1. “nenhum apoio”; 2. “algum apoio”; 3. “muito apoio”).
- b. Reciprocidade: i) Apoio prestado pelo sujeito focal aos membros da rede; se existe reciprocidade em relação ao apoio recebido. ii) “Pensando no apoio que recebe das pessoas que referiu, pode afirmar que dá apoio...”; iii) avaliado através de uma escala de *Likert* de 3 valores (1. “a nenhuma destas pessoas”; 2. “a algumas destas pessoas”; 3. “a muitas destas pessoas”).

3) Características contextuais

- a. Frequência de contactos: i) acessibilidade dos membros da rede. ii) “Refira com que frequência contacta ou é contactado pessoalmente, por telefone, por carta, ou através da Internet, por cada uma das pessoas que referiu”; iii) avaliada

através de uma escala de *Likert* de 5 valores (1. “diariamente”; 2. “algumas vezes por semana”; 3. “semanalmente”; 4. “algumas vezes por mês”; 5. “Algumas vezes por ano”).

- b. Dispersão geográfica: i) distância geográfica que separa o sujeito focal dos elementos da sua rede. ii) “Refira a distância aproximada existente entre o local onde reside cada uma das pessoas que identificou e a sua residência”; iii) mensurada através de uma escala de *Likert* de 5 valores (1. “na mesma casa”; 2. “na mesma rua”; 3. “na mesma terra”; 4. “até 50 km”; 5. “mais de 50 km”).

### **Análise dos dados**

A análise dos dados foi conduzida com recurso ao programa IBM SPSS Statistics (v. 22.0). Considerando a violação dos parâmetros de normalidade, averiguados através do teste estatístico de Kolmogorov-Smirnov, foram utilizados procedimentos estatísticos não paramétricos na análise dos dados.

De modo a identificar diferenças estatisticamente significativas foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis. Para poder determinar entre que faixas etárias se situam estas diferenças, foi utilizado o método de comparação *pairwise*, utilizando o teste de Mann-Whitney U. Foi aplicada também a correcção de Bonferroni, de modo a corrigir erros de tipo 1. Os níveis de significância dos resultados apresentados encontram-se com este ajuste, sendo que o valor de  $p < 0,050$  foi tomado como indicador de diferenças estatisticamente significativas. Para além destas medidas foi também calculado o “r” (“*effect size*” ou “tamanho do efeito”), através da divisão do valor de “Z”, fornecido pelo teste de Mann-Whitney U, pela raiz quadrada da soma do número de indivíduos existentes nas faixas etárias a comparar. Por exemplo,  $Z/\sqrt{(n \text{ “infância”} + n \text{ “adolescência”})}$ . Quando o valor de “r” é inferior a 0,10 este efeito é considerado muito pequeno, entre 0,10 e 0,30 considera-se um efeito médio e valores superiores a 0,50 são interpretados como um efeito grande (Pallant, 2007).

## **Resultados**

Relativamente à amostra global, composta pelo agrupamento das subamostras dos diferentes estudos referenciados na secção de metodologia, e no que respeita às características estruturais da rede (ver Tabela 2), observou-se que o seu tamanho médio se situa entre os 8 e 9 membros (tendendo para este último), mas com uma amplitude elevada, entre redes que apenas continham um elemento e outras que continham mais de quatro dezenas. Relativamente à heterogeneidade relacional (avaliada através do número de quadrantes relacionais presentes na rede) observou-se que, em média, as redes apresentam 2 campos relacionais distintos. No que se refere à composição, verifica-se que a maioria das relações na rede pertence ao quadrante familiar, com uma percentagem aproximada de 66%. Seguem-se as relações de amizade, vizinhança, institucionais e de colegas. Relativamente à densidade, as redes apresentam-se geralmente coesas (80,57%), porém verifica-se uma amplitude significativa, com os mínimos e máximos a abrangerem os valores extremos desta variável.

Relativamente à dimensão funcional (Tabela 2), foi possível constatar que o apoio mais facultado pelas redes é o apoio emocional, seguido do apoio informativo e, por último, o apoio material. Destaca-se assim a importância dos apoios intangíveis, aqueles que não traduzem necessariamente um trabalho observável, permanecendo no campo dos afectos e das trocas de informação relevante. Já a reciprocidade do apoio em relação aos elementos da rede aproxima-se do ponto médio da escala de *Likert* utilizada.

Por último, relativamente às variáveis contextuais considerados no presente estudo (Tabela 2), observou-se que a média da frequência de contactos situa-se, aproximadamente, no valor referente a contactos “algumas vezes por semana”. Relativamente à dispersão geográfica, observou-se que os membros das redes se situam entre “no mesmo bairro/rua” e “na mesma terra”, com um claro pendor para esta última.

**Tabela 2.**

*Estatística descritiva da dimensão estrutural, funcional e contextual das redes sociais pessoais da amostra total (n=1266).*

	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min.</b>	<b>Máx.</b>
<b>Dimensão estrutural</b>				
<b>Tamanho</b>	8,94	6,14	1	42
<b>Número de quadrantes relacionais</b>	2,00	0,88	1	5
<b>Composição</b>				
Proporção de relações familiares	66,09	30,27	0%	100%
Proporção de relações de amizade	19,61	24,59	0%	100%
Proporção de relações de colegas	2,74	9,33	0%	71,40%
Proporção de relações de vizinhança	6,57	15,47	0%	100%
Proporção de relações institucionais	4,91	13,95	0%	100%
<b>Densidade (n=1105)</b>	80,57	34,05	0%	100%
<b>Dimensão funcional</b>				
<b>Apoio emocional recebido</b>	2,55	0,47	1	3
<b>Apoio material recebido</b>	2,15	0,59	1	3
<b>Apoio informativo recebido</b>	2,27	0,56	1	3
<b>Reciprocidade do apoio</b>	2,08	0,82	1	3
<b>Dimensão contextual</b>				
<b>Frequência de contactos</b>	2,07	0,88	1	5
<b>Dispersão geográfica</b>	2,89	0,87	1	5

Seguidamente, e em consonância com os objectivos formulados, serão comparadas as características da rede consoante a faixa etária em que o indivíduo se situa. Relativamente às características estruturais importa primeiramente assinalar que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis consideradas (Tabela 3).

**Tabela 3.**

*Dimensão estrutural das redes sociais pessoais (tamanho, número de quadrantes relacionais e densidade) segundo as faixas etárias (Média, Desvios-padrão e Teste H de Kruskal-Wallis).*

(n=1266).

	Tamanho		Número de quadrantes relacionais		Densidade (%) (n=1105) a)		
	M	DP	M	DP	M	DP	N
<b>Infância</b>	14,14	8,37	2,89	0,69	50,76	28,22	28
<b>Adolescência</b>	11,45	6,34	2,63	0,76	30,05	28,21	79
<b>Transição para a idade adulta</b>	10,13	6,44	2,18	0,74	78,30	28,34	35
<b>Jovem adultícia</b>	9,92	6,14	2,39	0,88	78,24	25,54	57
<b>Adultícia</b>	9,35	6,65	2,17	0,95	87,37	21,22	216
<b>Idoso-jovem</b>	8,28	5,88	1,80	0,80	95,07	12,57	337
<b>Idoso</b>	7,57	5,09	1,69	0,80	96,76	11,49	267
<b>Idoso-idoso</b>	7,99	5,16	1,83	0,79	94,18	12,94	86
<b>H</b>	65,952		160,436		360,540		
<b>Sig.</b>	0,000*		0,000*		0,000*		

\*p<0,001 a) a ausência de informações relativas à variável “densidade” em algumas sub-amostras, resultou num “n” diferente em diversas faixas etárias. Por essa razão encontra-se detalhada na tabela a distribuição da amostra específica deste ponto.

Em relação ao **tamanho da rede**, foi possível verificar que as redes com mais elementos se encontram na “infância” e as com menos elementos situam-se nas três categorias referentes à idade avançada. Pode observar-se um decréscimo gradual nas redes ao longo do tempo, todavia estas diferenças não são muito pronunciadas entre faixas etárias contíguas. Este dado é ilustrado na descrição da significância estatística das diferenças apresentado seguidamente.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ao nível do tamanho da rede entre a categoria “adultícia” e as fases “infância” (p=0,007 r=0,21) e “adolescência” (p=0,007; r=0,18), apresentando a faixa etária mais velha, redes de menor tamanho. Os indivíduos pertencentes ao grupo “idoso-jovem” revelaram diferenças com aqueles pertencentes aos estratos “infância” (p=0,000; r= 0,24), “adolescência” (p=0,000; r=0,25) e “transição para a idade adulta” (p=0,037; r=0,16). Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a categoria “idosos” e as categorias “infância” (p=0,000; r=0,28), “adolescência” (p=0,000; r=0,30), “transição para a idade adulta” (p=0,002; r=0,21) e “jovem adultícia” (p=0,012; r=0,18). A categoria “idoso-idoso” difere significativamente da “infância” (p=0,003; r=0,38) e da “adolescência” (p=0,004; r=0,31).

No que toca ao **número de quadrantes relacionais**, verifica-se que as redes dos mais jovens (crianças e adolescentes), aparentam ser mais heterogêneas, sendo que esta característica parece diminuir ao longo das etapas. Assim, se na infância o número médio de quadrantes relacionais é aproximadamente 3, as faixas etárias adultas apresentam uma média que tende a aproximar-se dos 2 quadrantes relacionais. Importa ainda assinalar que a transição das fases relativas à adultez, para as fases referentes aos idosos (sejam estes mais ou menos jovens) parece trazer consigo uma diminuição do número de quadrantes, sendo que, pela primeira vez ao longo do ciclo vital, o valor passa a situar-se abaixo dos 2 quadrantes.

Mais pormenorizadamente, foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre a faixa etária “transição para a idade adulta” e as faixas “infância” ( $p=0,008$ ;  $r=0,38$ ) e “adolescência” ( $p=0,021$ ;  $r=0,29$ ). De igual modo, a “adultícia” apenas difere significativamente das duas faixas etárias mais jovens, a “infância” ( $p=0,001$ ;  $r=0,25$ ) e a “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,24$ ). Os indivíduos da categoria “idoso-jovem” revelam diferenças estatisticamente significativas com diversas faixas etárias: “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,33$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,38$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,001$ ;  $r=0,21$ ); “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,27$ ) e “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,20$ ); ou seja, apenas não diferem significativamente das restantes duas faixas respeitantes à idade avançada. Os indivíduos da faixa “idosos” diferem significativamente das mesmas faixas etárias que os precedentes: “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,38$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,45$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,29$ ), “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,34$ ) e “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,26$ ). Os indivíduos pertencentes à faixa etária “idoso-idoso” diferem significativamente da “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,51$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,46$ ) e “jovem adultícia” ( $p=0,001$ ;  $r=0,32$ ), apresentando, contudo, um aumento na heterogeneidade relativamente à faixa etária antecedente que os volta a aproximar das fases relativas à adultez (mas sem ultrapassar o limiar dos 2 campos relacionais).

Relativamente à variável estrutural **densidade**, verificou-se que as redes mais fragmentadas se encontram na “adolescência”, seguindo-se a “infância”, com redes a situarem-se entre a dispersão (de 0 a 33) e a fragmentação (de 33 a 66). Os valores da densidade sobem significativamente da “adolescência” para a “transição para a idade adulta”. Após esta fase, dá-se um aumento gradual até à “adultícia”. Verifica-se um novo aumento abrupto entre esta última faixa e as três faixas etárias mais avançadas, onde passam a prevalecer as redes altamente coesas (com valores iguais ou superiores a 95).

Na análise estatística da significância das diferenças, verificou-se que a faixa “infância” apresenta médias inferiores, de uma forma estatisticamente significativa, relativamente a: “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,46$ ), “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,44$ ), “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,45$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,50$ ), “idosos” ( $p=0,000$ ;  $r=0,62$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,72$ ). Na “adolescência” as diferenças estatisticamente significativas situam-se em relação às mesmas faixas etárias descritas anteriormente: “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,60$ ), “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,65$ ), “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,68$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,70$ ), “idosos” ( $p=0,000$ ;  $r=0,78$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,81$ ). A “transição para a idade adulta” apenas difere significativamente das faixas “idoso-jovem” ( $p=0,018$ ;  $r=0,20$ ) e “idosos” ( $p=0,001$ ;  $r=0,29$ ). A “jovem adultícia” apresenta diferenças significativas com as faixas etárias mais avançadas: “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,26$ ), “idosos” ( $p=0,000$ ;  $r=0,36$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,003$ ;  $r=0,34$ ). Por fim, a “adultícia” que, seguindo a mesma tendência, apresenta valores de densidade inferiores às faixas “idoso-jovem” ( $p=0,027$ ;  $r=0,16$ ) e “idosos” ( $p=0,000$ ;  $r=0,14$ ).

**Tabela 4.**

*Dimensão estrutural das redes sociais pessoais (composição da rede) segundo as faixas etárias (Média, Desvios-padrão e Teste H de Kruskal-Wallis). (n=1266)*

	Proporção de relações familiares (%)		Proporção de relações de amizade (%)		Proporção de relações de colegas de estudo/trabalho (%)		Proporção de relações de vizinhança (%)		Proporção de relações institucionais (%)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<b>Infância</b>	42,90	17,79	30,95	20,18	10,11	14,93	2,39	5,50	13,44	19,93
<b>Adolescência</b>	43,69	27,58	32,65	23,31	2,24	5,76	0,28	1,85	21,15	21,65
<b>Transição para a idade adulta</b>	49,13	26,59	40,06	27,77	5,78	13,83	2,38	7,57	2,70	10,82
<b>Jovem adultícia</b>	53,17	27,45	29,70	25,62	8,07	14,78	4,79	12,48	4,23	12,77
<b>Adultícia</b>	62,38	29,19	19,35	24,00	4,97	12,51	7,90	17,16	5,02	13,44
<b>Idoso-jovem</b>	72,74	29,46	14,45	22,02	0,88	5,46	9,11	17,77	2,84	12,40
<b>Idoso</b>	77,83	27,88	12,06	21,79	0,40	3,23	7,62	17,43	2,12	7,94
<b>Idoso-idoso</b>	77,34	24,29	12,57	17,83	0,00	0,00	4,12	9,44	5,93	16,73
<b>H</b>	199,795		193,843		146,219		44,690		199,148	
<b>Sig.</b>	0,000*		0,000*		0,000*		0,000*		0,000*	

\* $p<0,001$

Em relação à proporção que os diferentes campos relacionais assumem nas redes (**composição**) (ver Tabela 4), e começando pelas **relações familiares**, é possível observar que este é o quadrante com maior peso nas redes sociais em todas as faixas etárias ou etapas do ciclo vital consideradas. Apesar deste dado, verifica-se um aumento da

proporção de relações familiares com o avançar da idade, sendo que estas assumem maior expressão nas três fases relativas à idade avançada, onde passam a englobar, pela primeira vez ao longo do ciclo vital, mais de 70% dos membros da rede. Assim, de forma inversa, as redes com menor peso da família são aquelas respeitantes à “infância”, sendo que a transição para as fases seguintes parece acarretar sempre um aumento na proporção de familiares que fazem parte da rede. Como veremos seguidamente, esta evolução ocorre de forma diferenciada entre as diferentes etapas ou faixas etárias consideradas.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a fase “infância” e as seguintes faixas etárias: “adultícia” ( $p=0,020$ ;  $r=0,20$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,28$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,36$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,54$ ). A “adolescência” apresenta diferenças significativas com as fases “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,27$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,38$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,47$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,55$ ). Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a faixa “transição para a idade adulta” e as faixas “adultícia” ( $p=0,004$ ;  $r=0,21$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,34$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,44$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,49$ ). No mesmo sentido, foram encontradas diferenças significativas entre a etapa “jovem adultícia” e as etapas “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,27$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,37$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,43$ ). A “adultícia” apresenta diferenças estatisticamente significativas com “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,19$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,28$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,001$ ;  $r=0,23$ ). Aqui talvez seja importante ressaltar que as quatro primeiras fases consideradas (infância, adolescência, transição para a idade adulta e jovem adultícia) parecem não diferenciar-se de forma estatisticamente significativa neste aspecto, assim como as três fases finais do ciclo vital.

Nas **relações de amizade** verifica-se um aumento da sua proporção na rede, desde a infância até à transição para a idade adulta, onde o valor atinge o seu auge, e um decréscimo nas seguintes faixas etárias, apresentado a categoria “idoso” a menor proporção de amigos na rede. A evolução ascendente aparenta ser gradual, dada a ausência de diferenças estatisticamente significativas entre etapas contíguas. Na curva descendente, a transição ente a “jovem adultícia” e a “adultícia” parece marcar um momento de quebra significativo da proporção de amigos na rede, como é demonstrado na exploração das diferenças estatisticamente significativas entre grupos abaixo descrita. Detalhadamente verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a etapa “adultícia” e as fases “infância” ( $p=0,037$ ;  $r=0,19$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,28$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,35$ ) e “jovem adultícia” ( $p=0,007$ ;  $r=0,20$ ).

Os indivíduos da categoria “idoso-jovem” parecem apresentar diferenças significativas com “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,25$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,37$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,42$ ) e “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,28$ ). Seguindo esta tendência, verificaram-se diferenças significativas entre a faixa “idoso” e as faixas “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,32$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,45$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,49$ ), “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,36$ ) e “adultícia” ( $p=0,001$ ;  $r=0,19$ ). No mesmo sentido, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a faixa “idoso-idoso” e as faixas “infância” ( $p=0,001$ ;  $r=0,41$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,47$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,50$ ) e “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,37$ ). Ou seja, os mais idosos apresentam um aumento ligeiro na proporção de amigos relativamente à fase precedente, que os aproxima dos indivíduos na fase relativa à adultez.

O quadrante dos **colegas de trabalho/estudo** apresenta o seu valor proporcional mais elevado durante a “infância”. Verifica-se então uma quebra significativa do seu peso na rede quando ocorre a transição para a “adolescência”. Após esta fase, verifica-se um aumento na proporção dos colegas até à “jovem adultícia”, sendo que após esta fase assiste-se a novo decréscimo, com especial ênfase na transição entre a “adultícia” e as faixas etárias mais idosas, onde a proporção dos colegas de trabalho/estudo atinge os valores mínimos (nestas três fases mais avançadas no desenvolvimento, o peso deste quadrante acaba por soçobrar para menos de 1%, algo que se verifica pela primeira vez ao longo do ciclo vital).

Passaremos agora a abordar as diferenças entre grupos de forma mais pormenorizada. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o grupo “adolescência” e as faixas “infância” ( $p=0,002$ ;  $r=0,30$ ) e “jovem adultícia” ( $p=0,005$ ;  $r=0,22$ ). Foram igualmente identificadas diferenças estatisticamente significativas entre as faixas “transição para a idade adulta” e “infância” ( $p=0,019$ ;  $r=0,20$ ). Por outro lado, verificaram-se diferenças significativas entre a etapa “adultícia” e a “infância” ( $p=0,003$ ;  $r=0,17$ ) e “jovem adultícia” ( $p=0,004$ ;  $r=0,15$ ). As faixas etárias relativas aos idosos apresentam diferenças significativas com a maior parte das restantes faixas consideradas, sendo de salientar que apenas não parecem diferenciar-se entre si. Verificaram-se diferenças significativas do ponto de vista estatístico entre a faixa “idoso-jovem” e as seguintes faixas: “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,41$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,26$ ), “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,40$ ) e “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,24$ ) (ou seja, para além das restantes duas fases de idade avançada, apenas não diverge da fase

“adolescência”). Já a faixa “idoso” revelou diferenças significativas com todas as faixas consideradas (exceptuando as duas faixas contíguas, relativas às idades mais avançadas): “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,50$ ), “adolescência” ( $p=0,019$ ;  $r=0,26$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,31$ ), “jovem adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,45$ ) e “adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,27$ ). Por último, e exactamente na mesma linha que a faixa etária precedente, os indivíduos da etapa “idoso-idoso” revelaram diferenças estatisticamente significativas com as faixas “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,60$ ), “adolescência” ( $p=0,037$ ;  $r=0,30$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,31$ ), “jovem adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,44$ ) e “adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,23$ ).

No que se refere às **relações de vizinhança**, é na faixa etária “idoso-jovem” que se encontra a maior proporção, enquanto na “adolescência” se identifica a menor. Verificou-se que evolução desta variável é pouco linear, com reduzidas diferenças estatisticamente significativas e nenhuma em faixas etárias contíguas. Apesar disso, importa salientar que os mais jovens parecem possuir uma menor proporção de vizinhos na rede do que aqueles pertencentes a faixas etárias mais avançadas (a proporção de vizinhos parece atingir um ápice nos idosos-jovens, depois de um aumento na idade, para depois voltar a decrescer).

As diferenças estatisticamente significativas na proporção de relações de vizinhança na rede são encontradas apenas entre a “adolescência” e a “adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,26$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,26$ ) e “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,25$ ). Verificou-se ainda uma diferença estatisticamente significativa entre a faixa “transição para a idade adulta” e a faixa “idoso-jovem” ( $p=0,001$ ;  $r=0,19$ ).

Os resultados revelam que as **relações institucionais** possuem maior peso na “adolescência”, seguindo-se a “infância”. Na passagem para a “transição para a idade adulta”, este valor decresce significativamente, verificando-se um movimento similar entre a “adulta” e a faixa referente a “idoso-jovem”. Estes dados são visíveis na descrição da significância estatística das diferenças.

Nesta variável as diferenças significativas situam-se entre “infância” e todas as restantes fases, com excepção da “adolescência”. Esta categoria, com maior proporção de relações institucionais, difere das seguintes: “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,40$ ), “jovem adulta” ( $p=0,014$ ;  $r=0,28$ ), “adulta” ( $p=0,023$ ;  $r=0,18$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,33$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,32$ ) e, por fim, “idoso-idoso” ( $p=0,027$ ;  $r=0,26$ ). A “adolescência” revela diferenças estatisticamente significativas com as mesmas faixas etárias, possuindo uma média significativamente superior do que a “transição para a idade

adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,56$ ), “jovem adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,48$ ), “adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,43$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,57$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,57$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,45$ ). Por fim, a “adulta” difere das faixas “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,20$ ) e “idoso” ( $p=0,008$ ;  $r=0,17$ ).

**Tabela 5.**

*Dimensão funcional das redes segundo as faixas etárias. (n=1266)*

	Apoio emocional		Apoio material		Apoio informativo		Reciprocidade	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<b>Infância</b>	1,98	0,74	1,87	0,65	1,91	0,71	2,35	0,49
<b>Adolescência</b>	2,69	0,47	2,19	0,67	2,52	0,57	2,72	0,39
<b>Transição para a idade adulta</b>	2,53	0,42	2,22	0,57	2,39	0,50	2,87	0,26
<b>Jovem adulta</b>	2,32	0,44	1,96	0,51	2,06	0,48	2,66	0,42
<b>Adulta</b>	2,49	0,53	2,11	0,64	2,09	0,63	2,67	0,47
<b>Idoso-jovem</b>	2,59	0,41	2,14	0,57	2,37	0,47	1,56	0,70
<b>Idoso</b>	2,62	0,42	2,22	0,56	2,32	0,55	1,57	0,73
<b>Idoso-idoso</b>	2,61	0,45	2,16	0,56	2,17	0,58	1,77	0,76
<b>H</b>	62,835		25,847		79,323		572,497	
<b>Sig.</b>	0,000**		0,001*		0,000**		0,000**	

\* $p<0,05$ . \*\* $p<0,001$

Serão agora abordadas as variáveis da dimensão funcional das redes sociais pessoais (ver Tabela 5). Começando pelo **apoio emocional**, constata-se que a “infância” apresenta os valores mais baixos. A “adolescência” e as faixas etárias depois dos 65 anos de idade parecem ser as que mais usufruem deste tipo de apoio. Em relação à evolução que esta variável apresenta, após a “infância” parece ocorrer uma subida significativa no apoio emocional. Esta subida na “adolescência” parece dar lugar a um decréscimo significativo na “transição para a idade adulta”. Existe também uma descida gradual (não significativa) desta etapa para a “jovem adulta”. A partir daqui o apoio aumenta significativamente para a “adulta”, verificando-se depois uma estabilização nas três fases mais avançadas.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre “infância” e “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,44$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,048$ ;  $r=0,30$ ), “adulta” ( $p=0,010$ ;  $r=0,21$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,001$ ;  $r=0,22$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,25$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,001$ ;  $r=0,35$ ). A “adolescência” apresenta valores superiores de apoio emocional, estatisticamente significativos, relativamente à “transição para a idade adulta” ( $p=0,014$ ;  $r=0,26$ ) e “adulta” ( $p=0,006$ ;  $r=0,19$ ). A “jovem adulta” apresenta diferenças estatisticamente significativas com: “adolescência” ( $p=0,000$ ;

$r=0,39$ ), “adultícia” ( $p=0,009$ ;  $r=0,18$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,24$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,28$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,34$ ).

O **apoio material** possui um menor valor na “infância” e maior nas fases “transição para a idade adulta” e “idoso”. A evolução desta variável parece ser mais homogênea, apresentando poucas diferenças estatisticamente significativas entre etapas.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a “infância” e a faixa “idoso” ( $p=0,050$ ;  $r=0,18$ ), com os mais novos a revelarem médias inferiores de apoio material recebido. Na “jovem adultícia” também se verificam valores inferiores aos das faixas etárias “transição para a idade adulta” ( $p=0,029$ ;  $r=0,25$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,031$ ;  $r=0,16$ ) e “idoso” ( $p=0,003$ ;  $r=0,22$ ).

Em relação ao **apoio informativo**, verifica-se um aumento significativo deste ao passar da “infância” (onde se verifica a média mais baixa) para a “adolescência” (onde se situam os valores mais altos). Da “transição para a idade adulta” para a “jovem adultícia” decorre uma descida significativa, sendo que subsequentemente os valores parecem “estagnar” até à passagem da “adultícia” para a “idoso-jovem”, onde se verifica uma subida significativa da percepção deste tipo de apoio. Nas três faixas etárias mais avançadas os valores não parecem oscilar muito, revelando-se tendencialmente superiores aos das idades mais jovens, com exceção da “adolescência”.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a faixa “infância” e as faixas: “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,37$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,011$ ;  $r=0,29$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,010$ ;  $r=0,18$ ) e “idoso” ( $p=0,029$ ;  $r=0,18$ ). A “adolescência” apresenta diferenças significativas em relação à “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,40$ ), “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,29$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,003$ ;  $r=0,30$ ). A “transição para a idade adulta”, com médias superiores, diverge da “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,33$ ) e da “adultícia” ( $p=0,001$ ;  $r=0,22$ ). Por fim, a “jovem adultícia”, com valores inferiores, regista diferenças significativas em relação às faixas “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,26$ ) e “idoso” ( $p=0,001$ ;  $r=0,23$ ).

Na **reciprocidade** verificou-se que a “transição para a idade adulta” apresenta o valor mais elevado. Esta variável parece variar de uma forma não significativa até à “adultícia”. Porém, ao passar desta etapa para a “idoso-jovem”, verifica-se uma descida estatisticamente significativa, sendo nas faixas etárias mais avançadas que encontramos os valores mais baixos de reciprocidade percebida.

Encontram-se diferenças estatisticamente significativas entre a faixa “idoso-jovem” e as faixas “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,31$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,57$ ), “transição para a

idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,66$ ), “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,56$ ) e “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,67$ ). Na faixa etária “idoso” verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em relação às mesmas faixas etárias: “infância” ( $p=0,000$ ;  $r=0,32$ ), “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,58$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,67$ ) “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,57$ ) e “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,65$ ). A faixa “idoso-idoso” apresenta diferenças significativas com: “adolescência” ( $p=0,000$ ;  $r=0,60$ ), “transição para a idade adulta” ( $p=0,000$ ;  $r=0,70$ ), “jovem adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,57$ ) e “adultícia” ( $p=0,000$ ;  $r=0,51$ ). Por último, importa assinalar que a “transição para a idade adulta” se diferencia significativamente da “infância” ( $p=0,014$ ;  $r=0,52$ ), apresentando médias superiores.

### Tabela 6.

*Dimensão contextual da rede social pessoal consoante as faixas etárias (n=1266).*

	Frequência de contactos		Dispersão geográfica	
	M	DP	M	DP
<b>Infância</b>	1,94	0,75	2,86	0,62
<b>Adolescência</b>	2,20	0,92	3,40	0,90
<b>Transição para a idade adulta</b>	2,00	0,81	2,97	0,81
<b>Jovem adultícia</b>	1,97	0,78	2,77	0,83
<b>Adultícia</b>	1,91	0,88	2,93	0,82
<b>Idoso-jovem</b>	2,08	0,82	2,86	0,81
<b>Idoso</b>	2,16	0,94	2,73	0,94
<b>Idoso-idoso</b>	2,31	1,03	2,92	0,99
<b>H</b>	18,694		25,847	
<b>Sig.</b>	0,009*		0,000**	

\* $p<0,05$  \*\* $p>0,001$

Relativamente à dimensão contextual, verificou-se que o valor mais baixo de **frequência de contactos** se encontra na faixa “idoso-idoso”. A etapa com maior frequência de contactos é a “adultícia”.

Apenas se encontram diferenças estatisticamente significativas entre a faixa “adultícia” e as faixas “idoso” ( $p=0,049$ ;  $r=0,14$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,027$ ;  $r=0,17$ ).

Na **dispersão geográfica**, constatou-se que as redes mais próximas fisicamente se encontram na faixa etária “idoso” e as mais dispersas na “adolescência”.

As diferenças estatisticamente significativas são apenas encontradas quando tomada em linha de conta a fase de “adolescência”. Esta faixa etária, apresentando maior dispersão

geográfica, difere da “jovem adultícia” ( $p=0,001$ ;  $r=0,31$ ), “adultícia” ( $p=0,003$ ;  $r=0,22$ ), “idoso-jovem” ( $p=0,000$ ;  $r=0,024$ ), “idoso” ( $p=0,000$ ;  $r=0,29$ ) e “idoso-idoso” ( $p=0,041$ ;  $r=0,23$ )

## **Discussão e conclusão**

A presente investigação teve como objectivo geral analisar o percurso desenvolvimental da rede social pessoal ao longo de todo o ciclo vital. Em primeiro lugar, importa salientar que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis da rede, relativamente às faixas etárias estabelecidas, o que sustenta a hipótese de base que a rede social pessoal, enquanto fenómeno individual e ecossistémico, parece estar em permanente mutação (Sluzki, 1996). Os dados permitem assim caracterizar os padrões evolutivos que enformam as redes sociais dos indivíduos em épocas distintas das suas vidas. Contudo, importa mencionar dois resultados que se destacam, relativamente às dimensões da rede que sofrem maior variabilidade com o passar dos anos e à forma como esta evolução se parece processar.

Primeiramente, os dados apontam para uma alteração em todas as dimensões da rede consideradas (estrutural, funcional e contextual), mas salientam-se neste âmbito as modificações estruturais, sendo neste conjunto de variáveis que se encontram as tendências evolutivas mais marcadas. A este propósito, importa salientar que Sluzki (1996), quando apresenta a sua proposta desenvolvimental das redes sociais pessoais, foca precisamente uma variável estrutural: o tamanho. Em linhas gerais, na **dimensão estrutural**, o tamanho da rede parece decrescer gradualmente ao longo do ciclo vital, assim como o número de quadrantes relacionais. Após a adolescência, a densidade apresenta um aumento gradual até às fases finais do ciclo vital. Nas variáveis de composição também são identificáveis alguns padrões relativamente lineares, como na proporção de relações familiares, que aparenta aumentar ao longo da vida, e nas amizades, que aumentam em proporção até à “transição para a idade adulta” e decrescem após essa. O peso dos restantes quadrantes relacionais (colegas, vizinhança, instituições) possuem evoluções mais ondulares/oscilantes que serão explicitadas adiante. A **dimensão funcional** apresenta, essencialmente, padrões mais ecléticos, exceptuando-se a reciprocidade dos apoios, que escala até à “transição para a idade adulta”, mantém-se com valores inferiores nas fases adultas e decresce abruptamente nas idades mais avançadas. Já a evolução da **dimensão contextual** ao longo do ciclo vital é a menos notória das três

consideradas. A distribuição dos valores médios das variáveis que compõem esta dimensão mantém-se relativamente homogêneos ao longo do tempo, com escassas exceções.

Em segundo lugar, embora se verifiquem diferenças entre a trajetória evolutiva das diferentes variáveis, no geral foram encontradas mais diferenças entre etapas não contíguas, o que indica uma evolução gradual, sem cortes abruptos, num processo transformacional lento, não repentino.

Considerando as linhas evolutivas gerais das diversas dimensões ao longo do ciclo vital, segue-se agora uma reflexão mais pormenorizada sobre a evolução das diversas variáveis da rede, partindo da infância até ao ocaso da vida. Na “infância”, como referido anteriormente, encontram-se as redes com maior número de vínculos, sendo que este número decresce gradualmente em todo o ciclo vital. Estes dados contrariam a hipótese evolutiva de Sluzki (1996), em que este identifica diversos momentos que resultam na expansão ou constrição do tamanho da rede ao longo da vida. Uma hipótese explicativa para este fenómeno prende-se com a questão da construção da identidade. Como referem Strough, Berg e Sansone (1996), a identidade é algo que se começa a construir/solidificar na fase da adolescência. Na infância a identidade ainda é um protótipo, pelo que as crianças poderão entender mais vínculos como significativos. Como reflecte o estudo de Barbu (2009), as crianças tendem a relacionar-se com todos os colegas, exceptuando com os que apresentam padrões de comportamento antagonistas em relação à norma (sendo estes os mais excluídos por colegas). Nesse sentido, poderá não existir um “filtro” tão marcado em relação aos vínculos identificados como significativos, algo que se “formará” nas seguintes etapas do ciclo vital, sustentando assim uma selectividade mais apurada que determina um decréscimo no tamanho ao longo do desenvolvimento.

A “adolescência” emerge no presente estudo como uma fase marcada pela fragmentação da rede. Aqui encontram-se os valores mais baixos de densidade, a maior dispersão geográfica e a menor proporção de relações de vizinhança. Nesta etapa foi ainda encontrada a maior proporção de relações institucionais na rede. Este último resultado parece indiciar que pelo menos uma parte desta fragmentação da rede poderá ser o reflexo de um enviesamento amostral, uma vez que uma percentagem significativa das crianças e adolescentes presentes no estudo se encontravam em contexto institucional (ver acima os estudos que integram o presente trabalho de investigação), o que poderá contribuir para uma maior diversidade de vínculos que se desconhecem entre si. Todavia, apesar da maior dispersão, os adolescentes parecem manter uma frequência de contactos com a rede

superior à média da amostra global. Embora os dados recolhidos não permitam identificar a natureza dos contactos, uma possível explicação poderá prender-se com o crescente sucesso das redes sociais virtuais na sociedade actual, que permitem adquirir novos vínculos distantes geograficamente, assim como manter contactos de forma frequente (Ellison, Steinfield, e Metrics, 2007). A baixa densidade poderá ser compreendida através da tendência dos adolescentes a integrar grupos sociais diversos, fora do seio familiar (Meléndez-Moral, et al., 2007). Na infância os pais têm geralmente maior contacto com os amigos e colegas da criança (Sluzki, 1996); porém, com o advento da adolescência, a independência acrescida do jovem (Carter e McGoldrick, 2007) parece acarretar relações desconhecidas para os pais e entre os variados grupos, o que justificaria (pelo menos, parcialmente) os resultados do presente estudo.

Em relação à composição da rede dos adolescentes, importa ainda referir a quebra abrupta da proporção do quadrante dos colegas que ocorre da “infância” para a “adolescência”. Como referem vários autores (Carter e McGoldrick, 2005; Erikson, 1977; Sluzki, 1996; Relvas, 2006) as relações com os grupos de pares na adolescência tendem a adquirir relevo, pelo que se poderá hipotetizar que, nesta fase, os elementos que anteriormente eram tidos como colegas, são agora considerados amigos. Esta hipótese parece ser corroborada pelos resultados, em que verifica um ligeiro aumento da proporção de amigos na rede da “infância” para a “adolescência”.

Ao analisar a “transição para a idade adulta” verifica-se que as redes adquirem uma coesão que não se verificava na etapa anterior. Os níveis de densidade sobem significativamente e o número de quadrantes decresce significativamente. Esta fase marca o início de uma homogeneização e aumento de coesão da rede, que continua a processar-se nas seguintes fases. O apoio material recebido é o mais elevado (com valores similares aos “idosos”), o que poderá eventualmente estar relacionado com o sincronismo desta fase com a idade usual para a frequência do Ensino Superior em Portugal. Caso o indivíduo não opte por prosseguir os estudos, o término do ensino obrigatório poderá implicar a necessidade de, no seio familiar, auxiliar a “lançar” os jovens no mundo da adultez (Carter e McGoldrick, 2005). Em ambos os cenários é necessário algum apoio material. Da “transição para a idade adulta” para a “jovem adultícia” este apoio sofre uma quebra significativa, que poderá ser interpretada pela estabilização (académica e/ou profissional) e conseqüente menor necessidade deste apoio.

Entrando na “jovem adultícia” verifica-se, em relação à composição da rede, que as relações de amizade diminuem de proporção. Embora não seja uma descida estaticamente

significativa, marca o início de uma diminuição gradual do número de elementos deste quadrante. Em contrapartida, esta é a segunda etapa com mais proporção de colegas de trabalho na rede. Este dado vai ao encontro da hipótese que as relações profissionais são particularmente importantes na idade adulta (Meléndez-Moral et al., 2007). As relações de vizinhança também aumentam de proporção na rede, um aumento que, embora não seja significativo, marca um momento de vida em que as relações de vizinhança começam a aumentar gradualmente. Com estes dados, e tendo também em conta que os indivíduos nesta etapa possuem um dos valores mais baixos de dispersão geográfica e onde se verifica um gradual aumento das relações familiares, a “jovem adultícia” aparenta ser uma fase em que a rede se constitui por vínculos mais próximos, emocional e fisicamente, continuando o processo de coesão e homogeneização relacional.

Na “adultícia” os resultados mais proeminentes são relativos à composição na rede. Comparativamente à “jovem adultícia”, a “adultícia” sofre um decréscimo na proporção de relações de amizade e de colegas de trabalho. Por outro lado, apresenta a maior proporção de vizinhos na rede. Estes resultados corroboram a hipótese de Moore (1990) quando diz que, nesta fase do ciclo vital, o universo relacional é mais limitado, integrando maioritariamente relações familiares (que, como referido anteriormente, se encontram em gradual expansão) e de vizinhança.

No fim da idade adulta surge habitualmente a reforma. Este acontecimento constitui um marcador significativo no início da idade idosa, por volta dos 65 anos de idade. Na presente investigação, podemos hipotetizar que uma parte significativa dos indivíduos integrados na etapa “idoso-jovem” passaram recentemente ou estão a atravessar o momento da reforma. De assinalar que a amostra possui 703 indivíduos nas três etapas mais avançadas e apenas 652 reformados. Esta dado pode indicar que alguns idosos nunca trabalharam (e assim, a reforma não será um marco tão significativo nas suas vidas) e outros ainda continuam a trabalhar. De qualquer modo, importa considerar a associação entre a entrada na etapa “idoso-jovem” e a reforma, pois na transição e entrada na idade idosa surgem várias diferenças abruptas, ao contrário do que acontece na generalidade das variáveis deste estudo. Ainda assim, importa assinalar que não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas em relação ao tamanho da rede com a fase anterior. Vários autores (Sluzki, 1996; Meléndez-Moral et. al., 2007; Blazer, 2003; Fontaine, 2000) avançam com a hipótese da constrição da rede no processo de envelhecimento. No presente estudo, é visível que as redes com menor número de vínculos se situam nas fases idosas. Todavia não se destacam diferenças entre as três

faixas contempladas, sendo que até se verifica um ligeiro aumento da etapa “idoso” para “idoso-idoso”, apesar do valor se manter inferior ao da faixa “idoso-jovem”. Vicente (2010) descreve o universo relacional dos mais idosos como um núcleo denso, centrado na relação pais-filhos, o que remete para uma similitude entre a rede primordial das crianças muito jovens, em idade pré-escolar (também elas densas e centradas nas relações entre pais e filhos). Apesar de não se verificarem estas redes densas e homogêneas nos mais jovens do presente estudo (que apenas integra crianças com mais de cinco anos de idade, que naturalmente terão redes maiores, mais heterogêneas e diversificadas do que uma criança com poucos meses/anos de idade), as redes dos idosos apresentam redes de menor tamanho, menor heterogeneidade em relação ao número de quadrantes relacionais (que decresce de forma abrupta da “adultícia” para o “idoso-jovem” para um valor médio abaixo de 2, o que poderá estar relacionado com a quebra dos vínculos profissionais) e uma subida significativa na densidade. Também a composição sofre alterações da “adultícia” para as idades mais avançadas. A proporção de relações familiares, que tem vindo a aumentar gradualmente desde a “infância”, verifica agora um aumento significativo, o que vai ao encontro de outros estudos, onde a primazia da família nas idades mais avançadas é identificada (Lucas, 2016; Vicente, 2010; Nunes, 2008; Guadalupe, 2008). Outro fenómeno composicional que parece ocorrer abruptamente nesta transição é a diminuição da quantidade de relações com colegas de trabalho. A investigação de Lucas (2016), que estudou, entre outras variáveis, a rede social pessoal e o tempo de reforma, conclui que após 25 meses de reforma a diminuição de colegas na rede é estatisticamente significativa. O presente estudo não possui informação em relação ao tempo de reforma, porém corrobora a hipótese da dissipação das relações do mundo profissional na rede dos idosos (Mélendez-Moral, et al., 2007). Ainda relativamente à composição, é notória a baixa percentagem de relações institucionais em todas as idades mais avançadas, embora exista um aumento da etapa “idoso” para “idoso-idoso”, o que pode reflectir e estar relacionado com a necessidade de institucionalização, cuidados técnicos específicos e/ou apoio por parte do sector formal aos cuidadores informais (Schroots e Birren, 1980). Também a frequência de contactos apresenta valores que merecem uma reflexão. As três faixas etárias mais idosas apresentam valores elevados nesta variável, inclusive uma média superior à amostra global. Com variados estudos a reflectir sobre temáticas como o isolamento dos idosos ou o “abandono institucional”, o investigador poderia ser conduzido a expectar uma menor frequência de contactos. Porém, se reflectirmos sobre a necessidade de cuidados e a institucionalização noutra

sentido, podemos aduzir que estes factores trazem consigo uma necessidade contactos regulares, contactos com os cuidadores, sejam estes formais ou informais, e em caso de institucionalização, com os colegas internados. De realçar também que estas etapas apresentam redes com uma menor dispersão geográfica, sendo que esta se associa habitualmente com maior frequência de contactos (Guadalupe, 2008). Por fim, importa assinalar um resultado que apresenta um ponto de contacto tangencial com a literatura, nomeadamente com a proposta evolutiva de Sluzki (1996). Como foi referido anteriormente, Sluzki (1996) hipotetiza um fenómeno de contracção da rede nas idades mais avançadas que não se verificou de forma cabal no presente trabalho (neste estudo, a rede parece começar a decrescer logo desde a infância). Contudo, refere também que este fenómeno se deve, em parte, devido à diminuição da energia para activar e manter os vínculos, o que poderá estar plasmado, no presente estudo, pelos níveis de reciprocidade de apoio significativamente mais baixos encontrados.

Para concluir, importa considerar que apesar do presente estudo constituir um contributo significativo pela amplitude etária abarcada e número de sujeitos em cada etapa de vida considerada, apresenta limitações, principalmente associadas aos procedimentos amostrais. As (sub)amostras que compõem este estudo foram, em grande parte, recolhidas em contextos específicos (e.g. jovens institucionalizados, famílias em situações de vulnerabilidade, cuidadores informais de idosos), o que limita as possibilidades de generalização para a população geral. Talvez pela dificuldade em estudar todo o ciclo vital, não foram encontrados estudos que explorassem a amplitude etária considerada e que facultassem uma base de comparação e as teorias desenvolvimentais citadas não definem idades específicas, mas sim acontecimentos, obstáculos ou mudanças, que não foi possível aferir no presente estudo. A título exemplificativo, refira-se que um dos referenciais para a reflexão sobre as transformações na rede encontradas na transição para as faixas idosas foi a reforma (um acontecimento), muito embora no presente estudo apenas se tomasse em linha de conta o parâmetro idade. Sendo este um estudo descritivo e quantitativo que integra mais de um milhar de sujeitos, é natural que as diferenças individuais se esbatam, embora se afigure reflectir, em estudos futuros, sobre a heterogeneização crescente das famílias e o seu impacto no ciclo vital (Carter e McGoldrick, 2005). Aspectos como o aumento da idade média de casamento, antecipação da idade do divórcio, aumento na média da idade da mãe aquando o primeiro filho (INE, 2017), tornam relevante a realização de estudos (porventura, qualitativos) que capturem toda a complexidade destas configurações emergentes.

## **Referências bibliográficas**

- Barbu, S. (2009). Similarity of Behavioral Profiles Among Friends in Early Childhood. *Child and health education*, 1(1), 5-18.
- Berkman, L. F. e Syme, S. L. (1979). Social networks, host resistance, and mortality: A nine-year follow-up study of Alameda County residents. *American Journal of Epidemiology*, 109(2), 186-204. doi:10.1017/cbo9780511759048.005
- Blazer, D. (2003). *Depressão em idosos* (3ª Edição). São Paulo: Editora Andrei.
- Caetano, A e Guadalupe, S. (2011). As relações de vizinhança nas redes de suporte social num bairro social: Um estudo com residentes no bairro de Santiago em Aveiro. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 23(1), 1-20.
- Carter, B. e McGoldrick, M. (2005). *Overview: The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives*. In B. Carter e M. McGoldrick (Eds.) *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (pp. 1-26). Boston: Allyn & Bacon.
- Cepa, C. (2011). *As redes sociais pessoais das crianças em acolhimento residencial- o papel dos centros de acolhimento temporário*. Dissertação de mestrado. Universidade do minho.
- Chadi, M. (2007). *Redes sociales en el trabajo social*. Buenos Aires. Espacio Editorial.
- Carvalho, A. (2009). *Famílias multiassistidas, retratos de famílias desafiadas*. Dissertação de mestrado. Coimbra: ISMT
- Costa, E. (2015) *Rede social pessoal de cuidadores informais de adultos com necessidades especiais*. Dissertação de mestrado. Coimbra: ISMT.
- Dias, S, Sequeira, J e Guadalupe, S. (2016). Rede social pessoal de jovens acolhidos em lares de infância e juventude. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 2(1), 25-37.
- Dolan, P., Canavan, J. e Brady, B. (2008). Youth mentoring and the parent-young person relationship: considerations for research and practice. *Youth & Policy*, 99, 33-42.
- Ellison, N., Steinfield, C., e Lampe, C. (2007). The benefits of facebook friends: Social capital and college students use of online social networks sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12 (4), 1143-1168.
- Erikson, E.H. (1977). Eight ages of man. In, *Childhood and Society* (pp. 222-243). Great Britain: Paladin Books.

- Erikson, E. H. (1982). *The life cycle completed: A review*. New York: Norton.
- Ferreira, V. (2012). *Estudo sobre comportamentos de segurança na ansiedade social, auto conceito, saúde mental e tamanho da rede pessoal social em estudantes universitários deslocados da sua residência de origem*. Dissertação de mestrado. Coimbra: ISMT.
- Field, D., e Minkler, M. (1988). Continuity and change in social support between young-old and old-old or very-old age. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 43(4), 100-106. doi:10.1093/geronj/43.4.100
- Fonseca, A. M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Guadalupe, S. (2008). *A saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Guadalupe, S., Vicente, H., Daniel, F. e Amaral, I. (2011). *Redes sociais pessoais de idosos portuguesas* [projecto de investigação]. Acessível em [http://diinews.ismt.pt/?page\\_id=1397](http://diinews.ismt.pt/?page_id=1397)
- Guadalupe, S, Tavares, S e Monteiro, R. (2015). Redes de suporte social e (in)acesso a direitos em famílias monoparentais femininas. *Serv Soc Rev, Londrina*, 17(2), 41-63.
- Guadalupe, S. (2016). Instrumentos de diagnóstico e planificação da intervenção social. *Intervenção em rede: Serviço Social, Sistémica e redes de suporte social* (2<sup>a</sup>ed), (pp. 89-104). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Instituto nacional de estatística (INE), (2016). *Pordata: Base de Dados Portugal Contemporâneo*. Retirado a 15 de agosto, 2017, de: <http://www.pordata.pt/Portugal/>
- Levinson, D. J. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 41(1), 3-13.
- Lucas, A. (2016). *A Relação entre Tempo de Reforma, Rede Social Pessoal e Bem-Estar*. Dissertação de mestrado. Coimbra: ISMT
- Meléndez-Moral, J. C., Tomás-Miguel, J. M., e Navarro-Pardo, E. (2007). Análisis de las redes sociales en la vejez a través de la entrevista Manheim. *Salud Pública de México*, 49(6), 408-414. doi:10.1590/S0036-36342007000600007

- Moore, G. (1990). Structural determinants of men's and women's personal networks. *American Sociological Review*, 5(5), 726-735. doi:10.2307/2095868
- Newman, B. M e Newman, P. R. (2015). *Development through life: A psychosocial approach*. (13 ed.). Boston: Cengage Learning.
- Nunes, S. (2008). *Rede Social Pessoal, Bem-Estar e Necessidades do Idoso em Contexto de Centro de Dia*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: ISMT.
- Ødegard, Ø. (1946). Marriage and mental disease: a study in social psychopathology. *The British Journal of Psychiatry*, 92(386), 35-59.
- Pallant, J. (2007). *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis using SPSS for Windows*. (3ª ed.). England: Open University Press
- Pineda, L e Rodríguez, A. (2010). La importancia del apoyo social en el bienestar de los adolescentes. *Psychologia: Avances de la Disciplina*, 4(2), 69-82.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Schroots, J. e Birren, J. (1980). A psychological point of view toward human aging and adaptability. In *Adaptability and Aging. Proceedings of 9th International Conference of Social Gerontology*, (pp. 43-54).Quebec, Canada.
- Strough, J., Berg, C. A., e Sansone, C. (1996). Goals for solving everyday problems across the life span: Age and gender differences in the salience of interpersonal concerns. *Developmental Psychology*, 32, 1106-1115.
- Silva, M. (20011). *Um olhar sobre as relações sociais virtuais: Estudo sobre comportamentos de segurança na ansiedade social, auto-conceito, saúde mental e tamanho das redes sociais pessoais segundo o perfil de utilização de redes sociais virtuais em estudantes do ensino superior*. Dissertação de mestrado. Coimbra: ISMT.
- Sluzki, C. E. (1996). *La red social: frontera de la practica sistémica*. Barcelona, Gedisa Editorial.
- Tiba, I. (1986). *Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: Ágora.
- Vicente, H. T., (2010). *Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspectiva sistémica*. (Tese de doutoramento não publicada). Secção autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro.